

O LIVRO DAS MANCHAS ESPELHADAS

THE BOOK OF THE STAINS MİRROREDS

Adriana Aparecida Mendonça

PUC-GOIÁS, Brasil
drialm@gmail.com

Resumo

A partir de uma pesquisa em poéticas visuais com experimentação em gravura e das análises de autores como Enerst Hans Gombrich (2007) e Sarah Simblet (2011) sobre manifestações artísticas com uso de manchas do *teste de Rorschach* analiso sobre o desenvolvimento de um livro de artista que nomeiei *Livro das manchas espelhadas*. Nele abordo a criação de manchas, com uso de tinta a óleo sobre papel de algodão, semelhantes aos resultados visuais do *teste de Rorschach*, os quais sugerem figurações que têm relação com as minhas referências imagéticas guardadas na memória. Dentre os procedimentos de técnicas em gravura, como xilogravura, litogravura, linóleogravura, calcogravura e monotipia, é importante que a imagem da matriz a ser impressa seja pensada e executada de forma espelhada para resultar na imagem do projeto inicial, sendo assim, usei como referência os espelhamentos da gravura para construir um livro de artista que contasse histórias a partir de manchas espelhadas, monotipias, em um processo de reflexão sobre o acaso obtido no processo. Nomeiei essas monotipias como “duplatipias” por causa dos espelhamentos das manchas com tinta a óleo, resultando em duplicações, onde o óleo da tinta deixou largos contornos amarelados ao redor das manchas depois de secas. Resolvi tomar partido desse conjunto, deixando que as manchas provocassem surpresas no processo. Considerei os resultados desse momento como retratos poéticos dos espelhamentos, os quais, me levaram a ver figuras de animais e paisagens. A partir daí desenvolvi desenhos e novas impressões em serigrafia resultando na composição de um livro de artista que narrasse a história das manchas e seus desdobramentos e interpretações, assim o livro não se apresentou como finalizado, mas como um livro de processo que mostrasse desde as expressões com as manchas até o aparecimento de desenhos e seus processos.

Palavras-chave: manchas; monotipia; espelhamento; desenho.

Abstract

From a research on visual poetics with engraving experimentation and from the analyzes of authors such as Enerst Hans Gombrich (2007) and Sarah Simblet (2011) about artistic manifestations using stains from the *Rorschach test* analyzed on the development of an artist book which I have named *Book of the stains mirroreds*. In it I approach the creation of stains, using oil paint on cotton paper, similar to the visual results of the Rorschach test, which suggest figurations that are related to my imagery references stored in the memory. Among the procedures of printmaking techniques, such as woodcutting, lithography, linoleum, calcography and monotype, it is important that the image of the matrix to be printed is thought and executed in a mirrored way to result in the image of the initial project, so I used as a reference the mirroring of the printmaking to construct an artist's book that told stories from mirrored spots, monotypes, in a process of reflection on chance obtained in the process. I named these monotypes as “duplatipias” because of the mirroring of the oil-based stains, resulting in duplications, where the oil of the paint left wide yellowish contours around the stains after drying. I decided to take advantage of this set, letting the stains provoke surprises in the process. I considered the results of that moment as poetic portrayals of the reflections, which led me to see figures of animals and landscapes. From then on I developed drawings and new prints in serigraphy resulting in the composition of an artist's book

that narrated the history of the stains and their unfoldings and interpretations, so the book did not present itself as finalized but as a process book that showed from the expressions with the spots until the appearance of drawings and their processes.

Keywords: stains; monotype; mirroring; drawing.

*“O espelho reflete certo;
Só não erra porque não pensa.”*
Fernando Pessoa

O espelho só reflete o que está do outro lado? O espelho imprime manchas? O espelho confunde minhas impressões, o mundo é uma máquina de inventá-las.

“*Kodokushi*”¹ é impressão das marcas da vida em decomposição. Quem se decompôs não usou espelhos, apenas marcou, manchou, borrou. O óleo do corpo marcou o chão como o óleo de linhaça da tinta deixa sombra no papel, o corpo morto foi impresso em sua solidão. As marcas ficaram no chão do esquecimento.

O *Santo Sudário*, uma imagem supostamente inventada pela fé e “desmentida” pela ciência, para quem convinha, continuou a imagem impressa, “uma monotipia”² de Jesus Cristo causada pelos ferimentos da crucificação em um pedaço de linho. O espelho reflete o que quero ver!

O espelho reflete o que penso que vejo?

Os espelhos são elementos do nosso cotidiano que nos invertem e nos mostram como somos, é um elemento que nos faz construir percepções de nós mesmos. Invertidas! Eu me invento ao contrário.

A criança pequena lida com sua própria sombra, ou com sua imagem refletida no espelho como se fosse um outro, não se reconhece em seus primeiros anos de vida, depois vai construindo a sua percepção sobre suas formas que gostando ou não terá que enfrentá-las.

¹ Pessoas são encontradas depois de dias de suas mortes sem ninguém ter percebido a ausência da pessoa. Esse fenômeno cada vez mais frequente, principalmente no Japão deixa marcas (impressões) nos lugares onde os corpos em decomposição são encontrados. “A palavra “*Kodokushi*” significa “morte solitária”, mas esse significado vai muito além, ele apresenta uma pista sobre a situação e econômica e social do país.” (MORETO, 2016). Veja as imagens disponíveis em: <<http://www.jornalciencia.com/kodokushi-ou-morte-solitaria-um-fenomeno-sinistro-que-vem-crescendo-no-japao/>>. Acesso em: 15 de abril de 2018.

² Há uma técnica de impressão na qual se usa um tipo de matriz com a qual se pode tirar uma só cópia. Essa técnica é chamada de monotipia. Monótipo é a única cópia que se obtém, por exemplo, aplicando-se tinta sobre a superfície de uma placa (vidro, metal, fórmica ou outro material rígido) que, depois de receber a tinta, é impressa contra o papel. A matriz, neste caso, tem vida fugaz, pois se consome ao produzir sua única cópia. Toda a tinta que compõe, e com a qual se desenhou na placa, é transferida para o papel ao gerar essa cópia. A rigor, a tinta absorvida pelo papel constituía, ela mesma, a matriz. (COSTELLA, 2006, p. 20).

Começo, então, a suspeitar que ainda não me reconheço, pois, a imagem que vejo é a imagem invertida, e até deformada pelo espelho ou pela sombra.

As distorções e deformações são as impressões. E as cópias, são iguais? As cópias são únicas, não são monotípias! As cópias lutam para se libertar da matriz, a monotípia consegue! Isso me impressiona!

O conceito filosófico de percepção de Maurice Merleau-Ponty (1908-1961) critica o dualismo que separa mente e corpo, e concebe a percepção como um todo, onde se envolve toda a atmosfera da vivência do que percebemos. O que percebemos está no meio de um contexto, uma coisa existe em relação a outra, tudo no mundo coexiste. Merleau-Ponty se baseia nos resultados da psicologia da *Gestalt*³. (SAES, 2010, p.30).

Seria a sombra de nós mesmos um dado sensível elementar como a figura sobre o fundo, da qual Merleau-Ponty se apropria para defender a totalidade na percepção, onde as partes só podem ser percebidas em totalidades?

Tudo que vemos depende de nós e do que está projetado ali, não percebemos passivamente. Uma imagem é uma constelação cultural, social, orgânica, sensível, natural, ambiental, etc.

As manchas espelham

“Nada há como o sonho para criar o futuro”.
Victor Hugo, Século XIX

O *Livro das manchas espelhadas* (Figura 1) é o livro do acaso, o comecei investigando que tipo de papel aceitaria a tinta a óleo, onde trabalhei a pintura sobre o próprio papel como monotípias, as quais atribuí o nome de “duplatípias”.



Figura 1: *Livro das manchas espelhadas*. Capa: papel pinho encapado com tecido com aplicação de serigrafia (77 cm x 30 cm x 1,5cm), 2014 a 2017. Encadernação: Sérgio Ferreira. Fotografia: Fábio Almeida.

³ Gestaltpsychologie, psicologia da forma, elaborada por psicólogos alemães no início do século XX. (SAES, 2010, p.30).

Durante as experimentações para as “duplatipias” (Figura 2) pude perceber que os papeis com base de algodão, próprios para aquarela, aceitavam bem a tinta a óleo, mas no processo de impressão criava manchas e era pouco domável pelos contornos, então resolvi tomar partido dessas manchas para desenvolver o *Livro das manchas espelhadas*.



Figura 2: “Duplatipia” (detalhe), Impressão de fios de cobre entintados com tinta à base de óleo sobreposta em desenho com tinta a óleo sobre papel de algodão.
Fotografia: Adriana Mendonça

O nome *Livro das manchas espelhadas* se deu por causa dos espelhamentos possíveis a partir da aplicação da tinta a óleo (variadas cores) em um lado, na metade da folha de papel, que depois de dobrado e pressionado, resulta em uma mancha, semelhante à técnica utilizada nos *testes de Rorschach*⁴, porém, neles as manchas são pretas, monocromáticas, com variações tonais e o meu intuito com a assimilação desse processo não está relacionado a diagnósticos ligados à psicologia, apenas peguei emprestado esta forma de chegar às manchas que são impressões, sendo uma forma de fazer monotipias.

⁴ O teste Rorschach foi estabelecido pelo psicólogo suíço de século XIX, Hermann Rorschach. Mostrava dez borrões de tinta aos doentes e pedia-lhes que interpretassem o que viam. As respostas dos doentes eram depois diagnosticadas com um perfil psicológico. O teste explora a nossa normal determinação de encontrar coisas que podem reconhecer entre formas casuais. Alguns artistas usam borrões de tinta com base de início de uma pintura – nuvens, fumo, etc. Deste modo pode criar muitas coisas a partir de uma impressão que foge a qualquer descrição. (SIMBLET, 2011, P.99).

Depois de adquirir uma mancha resultante da pressão da tinta a óleo sobre o papel, a imprimir novamente em outro papel, tendo duas imagens espelhadas, que considerei retratos poéticos do espelhamento na gravura. (Figura 3).



Figura 3: *Livro das manchas espelhadas*. Impressão com manchas de tinta a óleo sobre papel algodão.
Fotografia: Adriana Mendonça.

No *Livro das manchas espelhadas*, usei diferentes cores, o que provocou variações das formas e composições através de fusões das cores. Quando a tinta secou, o óleo deixou uma espécie de sombra amarelada ao redor da mancha colorida.

Os borrões iniciais, provocados pela dobra e pressão do papel sobre a tinta foram novamente impressos e novamente espelhados várias vezes até que as manchas se tornassem mais rarefeitas e novas formas aparecessem.

Ernst Hans Gombrich (2007) aponta para a psicologia onde o processo de interpretação das manchas é chamado de “projeção”, esse processo se assemelha à nossa capacidade de ver imagens nas nuvens, num borrão de café, em paredes descascadas ou em um papel amassado. “Sabe-se que essa propensão das nossas mentes tem sido empregada na moderna psiquiatria como instrumento de diagnóstico. No chamado “teste de Rorschach”, borrões-padrão de tinta são oferecidos para interpretação.” (GOMBRICH, 2007, P.89).

Artistas e arte educadores têm trazido para seus trabalhos as manchas do “teste de Rorschach”, a maioria não associa com o teste em si, mas busca desenvolver criatividade através dos borrões de tinta.

As manchas narram

O romancista francês Victor Hugo⁵ (1853-1855), fez inúmeros desenhos através de manchas, “inovador, Hugo antecipa aqui 100 anos o expressionismo abstrato. O seu desenho escreve o tempo de seu processo pela extrema concentração do momento.” (SIMBLE, 2011, P.222). A imagens de polvos que surgem de manchas são frequentemente relacionadas à sua obra literária, como em *Trabalhadores do Mar* (1866). O desenho *Polvo* de 1866, Victor Hugo usou a sombra do trabalho do pincel embebido em óleo de linhaça para repelir a tinta e criar tentáculos translúcidos e “sobre pinceladas de óleo e tinta foi polvilhado pó de grafite para sugerir profundezas viscosas.” (SIMBLE, 2011, p.28).

Andy Warhol⁶ (1928-1987) criou uma série de “pinturas de Rorschach” (1894), em 2010 o artista e pesquisador José Rufino⁷ (1965 -) fez sua pesquisa utilizando os borrões com base no teste, e inspirado na obra de Warhol, para realizar suas obras, que remetem à memória e ao esquecimento, como trabalho de residência artística, em Pittsburgh (Estados Unidos).

Quando elaborei as manchas no livro, a minha intenção não era buscar nos borrões formados pela pressão da tinta sobre o papel associações com formas da natureza, eu procurava investigar formas de impressão e duplicação das imagens. Procurava as diferentes composições feitas a partir das diferentes cores das tintas, e principalmente estava em busca de compor um livro de artista que narrasse a história dessas manchas, sem associações com formas acabadas, porém, as manchas solicitaram-me associações, interpretações pela via do desenho. Não fugi da minha natureza de associar formas da natureza com objetos ou animais, ou de olhar para o céu e ver nuvens como dragões sobrevoando o meu espaço. Me impressiona ver filmagens aéreas de rios serpenteando montanhas. Para mim são cobras gigantes! Só as vejo como rio porque as conheço, vejo os dragões no céu porque essas imagens, inventadas em um passado remoto da humanidade, povoaram a minha imaginação desde a infância.

Em seu livro *Arte e ilusão: um estudo da psicologia da representação pictórica*, Ernst Hans Gombrich (2007) reproduz parte do tratado sobre escultura, *De Statua*, escrito a mais de quinhentos anos por Leon Baptista Albertti, e do *Tratado de pintura* de Leonardo da Vinci (1651):

⁵ Victor Hugo foi poeta, romancista, dramaturgo e líder do movimento romântico francês. Os seus romances *Os Miseráveis*, e *O Corcunda de Notre-Dame* tornaram-se clássicos do cinema e do teatro. Os seus numerosos desenhos caracterizam-se pela técnica mista, pelo drama e pelos acontecimentos fortuitos. (SIMBLET, 2011, P.28).

⁶ Andy Warhol, artista representante da Pop Art, seus trabalhos se baseiam nas banalidades do cotidiano da sociedade industrial e de consumo norte americana.

⁷ O Paraibano de João Pessoa José Rufino é poeta e artista visual, integrou a mostra da 25ª Bienal Internacional de São Paulo. As obras de José Rufino com frequência são formadas com base na articulação de objetos recolhidos de seu legado familiar, de um passado oligárquico do Nordeste, ligado aos engenhos. <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa10614/jose-rufino>

Leon Baptista Albertti:

“Creio que as artes que têm por objetivo imitar criações da Natureza originam-se da seguinte maneira: num tronco de árvore, num monte de terra ou em alguma outra coisa, foram acidentalmente descobertos, um belo dia, contornos que exigiam apenas uma ligeira alteração para se parecerem de modo surpreendente com algum objeto natural. Observando isso, as pessoas procuraram ver se não seria possível, por adição ou subtração, completar o que faltava para chegar à semelhança perfeita.” (GOMBRICH, 2007, P.90).

Leonardo da Vinci:

(...) “você olha para certas paredes manchadas de umidade ou para pedras de cor desigual. Se tiver de inventar fundos de quadro, poderá ver nessas paredes e pedras a semelhança de paisagens divinas, adornadas com montanhas, ruínas, rochedos, florestas, grandes planícies, colinas e vales da maior variedade. Poderá ver nelas também batalhas e estranhas figuras em ação violenta, expressões de fisionomias, e roupas, e uma infinidade de outras coisas, que poderá completar e reduzir a suas formas próprias. Acontece com as paredes o mesmo que com o som de sinos: é possível ouvir a cada badalada a palavra que se imaginar.” (GOMBRICH, 2007, P.159).

Por adição e subtração (GOMBRICH, 2007, P.90), também procurei completar imagens que as manchas insinuavam. Elas ficaram sobre observação por mais de um ano, a tinta a óleo é lenta para secar naturalmente. Durante muitos dias tive que colocar as folhas do lado de fora do atelier para que secassem ao sol e para tirar o cheiro forte da tinta do ambiente. Nesse processo de “fazer secar” observei as manchas, elas se modificaram muitas vezes, elas me deixavam inconformada, elas eram sugestivas, por isso delas surgiram novas formas.

As manchas são criaturas

O *Livros das manchas espelhadas* é um livro de espelhamentos, de imagens prontas e imagens sugeridas, que revelei, posteriormente em serigrafia e novas monotípias. (Figuras 4 e 5).

Por adição e subtração retirei dos desenhos nos riscos⁸: um pássaro que queria voar, um urso que queria arranhar, um sapo gigante saltando entre uma página e outra.

⁸ Folhas de papel manteiga e papel vegetal foram usadas para subtrair imagens das manchas.





Figura 4: *Livro das manchas espelhadas*. Desenhos com imagens retiradas das manchas.
Fotografia: Fábio Almeida.

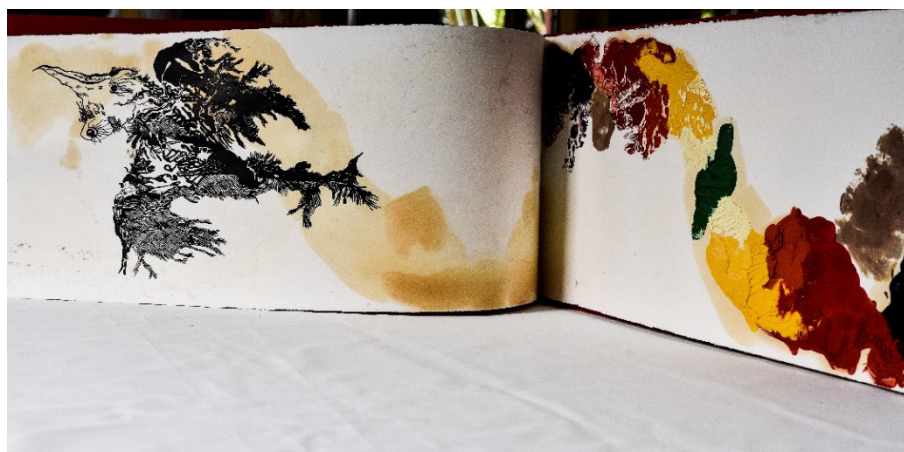


Figura 5: *Livro das manchas espelhadas*. Impressão em serigrafia sobre manchas de óleo (da tinta a óleo) e manchas de tinta a óleo provocadas pela pressão sobre o papel dobrado com tinta a óleo.
Fotografia: Fábio Almeida.

Os riscos com papéis transparentes me fizeram juntar diferentes partes das manchas, ou sobrepô-las para criar formas, em um processo quase obsessivo, onde o livro tornou-se inacabado e continuou sugerindo-me outras imagens, então percebi que as formas das manchas se modificam à medida que me modifico ou me movimento.

Não dispensei a minha natureza primitiva de associar uma pedra a um animal, sendo míope, o que vejo de longe se desfaz e acabo por criar formas na mente que vê ofuscamentos. Um monte de terra pode virar um monstro se derretendo ou se mexendo para me assustar. Olhar os borrões de tinta a uma determinada distância me causa essa sensação de movimento e fizeram ver as delimitações entre as cores da tinta desaparecerem.



As manchas me deram desenhos para perto e para longe. De longe figuras únicas, de perto, universos inteiros. As linhas da textura da tinta me proporcionaram traçados parecidos com mapas e paisagens, neles vi montanhas e rios como se estivesse sobrevoando sobre aquele espaço do papel.

Com as lentes dos óculos as figuras são outras diferentes, que ofuscam de perto e criam nitidez à distância, em um processo estonteante.

“Estranhas figuras em ação violenta”, “expressões de fisionomias” ditas por Leonardo da Vinci, se aproximaram de mim nas noites da minha infância. Minha casa tinha um teto cheio dessas figuras, eu as procurava quando me deitava para dormir.

Imagino que meus amigos fantasmas e monstros, eram essas figuras vindas de uma roupa jogada no chão, de uma toalha pendurada na porta, ou a sombra de um objeto qualquer.

Essas criaturas aterrorizantes, motivo de medo e curiosidade são como um jogo de imaginar. A nossa natureza humana e as formas da natureza nos entregam a sugestão, a criação vem de nós, de nossos repertórios, como diria Stéphane Mallarmé (século XIX) *“definir é matar, sugerir é criar”*.

O artista sugere para o observador da obra ou para si, contudo devemos contar com o que Gombrich (2007) chama de projeção, ou seja, nossa capacidade de projetar no que vemos, o que já temos armazenados em nossas mentes. Impossível ver uma borboleta em uma mancha se nunca tivermos visto uma borboleta ou sua imagem:

O que lemos nessas formas casuais depende da nossa capacidade de reconhecer nelas coisas ou imagens que temos armazenadas na mente. Interpretar um borrão de tinta, digamos, como um morcego ou uma borboleta significa um ato de classificação perceptual – no arquivo da mente eu guardo a mancha borboletas que vi ou com que conheci. (GOMBRICH, 2007, p.155).

No final do século XVIII, Alexander Cozens desenvolveu a criação de paisagem através de formas sugeridas pelas manchas, o que estimulava a invenção em detrimento da cópia de grandes mestres, comum em seu tempo. (GOMBRICH, 2007, 155/156). Embora tenha sido criticado por se fundar em “meros acidentes” no seu método de ensino de criação de paisagens, Paul Oppé defende o trabalho de Cozens, onde : “Desenhar... é transferir ideias da mente para o papel... fazer borrões é fazer manchas... produzindo formas ao acaso... das quais a mente recebe sugestões... desenhar é delinear ideias; fazer borrões é sugeri-las.” (GOMBRICH, 2007, p.157).

Outro exemplo, apontado por Gombrich (2007), aproxima os borrões do teste de Roscharch anos depois: são as poesias do alemão Justinus Kerner “que empregou manchas de tinta feitas em papel dobrado para estimular a própria imaginação e a dos seus amigos e escreveu uma série de poemas sobre as estranhas aparições que esses borrões lhe sugeriam. Kerner era espírita e via principalmente fantasmas nas suas manchas simétricas de tinta.” (GOMBRICH, 2007, P.157).

O ocasional, pouco aceito na pintura de paisagem do século XVIII é valorizado pela arte contemporânea. As manifestações de “erros” e acidentes passam a ser descobertas emergentes. Nas minhas experimentações, as manchas acidentais, ou não, são monotípias, partem de um processo, se estabelecem por si, são sugestões que podem ser liberadas nas próprias manchas.

As manchas convidam

O borrão se sustenta sem a minha intervenção, a sugestão da mancha não requer continuação e nem criação de uma paisagem ou animal, por exemplo. No processo, senti desejo de continuar investigando as manchas e retirar delas o que fosse possível, porém, poderia parar nas manchas. A ideia de experimentar, como pesquisa, me impediu de deixar a mancha falar por si só.

Antes de terminar o *Livro das Manchas Espelhadas*, fiz alguns estudos com manchas em tiras de papel, sobras usadas no ateliê, desde papel manteiga a papeis mais encorpados de gramatura maior como das marcas *Hahnemühle*, *Montval*, *Arches*, etc., sendo esses últimos, mais resistentes. Eu fazia as manchas e algumas vezes voltava nas tiras para ver o que acontecia se eu decalcasse mais tintas sobre as manchas, como estava testando, não me contive no uso das tintas, usei qualquer uma que me viesse à mão. Algumas tiras eu dobrava várias vezes, desdobrava e dobrava novamente.

Depois de experimentar, muito, essas manchas, desenvolvi um livro para pendurar, usei espiral e cabide de plástico transparente. Esse livro, que também é desdobramento do *Livro das manchas espelhadas* foi feito para que as folhas fossem manuseadas na vertical, deslocando assim o sentido comum do livro como conhecemos, entendi que as tiras pediam horizontalidade, e ainda me mantive presa ao livro que pede para que passemos as folhas, que seu desfrute se dê pelo movimento das tiras na vertical: várias tiras paralelas e sobrepostas que me chamavam para novas manchas criadas pela composição e articulação e que o observador quisesse fazer.

Todo livro quer ser um convite, no *Livro das manchas espelhadas* o convite é para as manchas e para o que elas encontram memória de quem vê, sendo assim se torna infinito e sugere outros formatos.

As manchas desenharam

Monotípias, ou “duplatípias”, por manchas e desenhos com tinta a óleo sobre o papel em um primeiro momento desencadearam processos de criação, e em um segundo momento possibilitou-me um orquestramento para uma poética do desenho. O desenho me atinge visceralmente, ele não me abandona, mesmo quando desejo esse abandono.

No desenho que sai de um processo de experimentações, o ponto é palpável ou visível como uma bola embebida em tinta, que se desloca em linha. Esse deslocamento deixa

rastros de conceitos e ideias. Assim, o ponto descobriu uma forma de se deslocar em linhas e conseqüentemente em planos e sólidos, contudo, os borrões, os rabiscos, são descompromissados com retidões e paralelas no livro, que já se transformou em um sólido!

O desenho inevitável, nos dois processos de criação dos livros, talvez, seja uma forma de conversa entre o mundo que me cerca e meu universo interior, traçados que me levaram para o outro e trazem-me o outro. É artifício de aproximação, para sentir, poetizar, copiar a natureza ou inventar a vida.

Referências

COSTELLA, Antonio F. **Introdução à gravura e à sua história**. Campos do Jordão, SP: Editora Mantiqueira, 2006.

DERDYK, Edith. Entre ser um e ser mil, o objeto livro e suas poéticas. In: **Entre ser um e ser mil, o objeto livro e suas poéticas**. DERDYK, Edith (Org.). São Paulo, Editora Senac São Paulo, 2013.

_____. **Disegno. Desenho. Desígnio**. São Paulo: Editora Senac, 2007.

_____. **Linha do horizonte - por uma poética do ato criador**. São Paulo: Editora Senac, 2012.

GOMBRICH, Enerst Hans. **Arte e ilusão: um estudo da psicologia da representação pictórica**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

KANDINSKY, Wassily. **Ponto e linha sobre plano**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

MALLARMÉ, Stéfiane. **Mallarmé/ Augusto de Campos, Décio Pignatari, Haroldo de Campos**. São Paulo: Perspectiva, 2015.

MORETTO, Júlia. **“Kodokushi” ou Morte Solitária, um fenômeno sinistro que vem crescendo no Japão**. Pesquisa em 25/03/2018: <http://www.jornalciencia.com/kodokushi-ou-morte-solitaria-um-fenomeno-sinistro-que-vem-crescendo-no-japao>

SAES, Sílvia Faustino de Assis. **Percepção, imaginação**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

SILVEIRA, Paulo. **A página violada: Da ternura à injúria na construção do livro de artista**. Rio Grande do Sul, Editora UFRGS.

SIMBLET, Sarah. **Desenho: Uma forma prática e inovadora para desenhar o mundo que nos rodeia**. São Paulo: Ambientes & Costumes editora, 2011.

Minicurrículo

Adriana Aparecida Mendonça

Doutora em Arte e cultura Visual pela Universidade Federal de Goiás, Licenciada em Artes Visuais (2014) e Bacharel em artes Visuais (1996), mestre em Arte e Cultura Visual pela Universidade Federal de Goiás (2008) e em Patrimônio Cultural pela PUC-Goiás (2005). Professora da PUC-Goiás no departamento de Artes e Arquitetura. Possui livros publicados na área de Literatura Infantil.

